

CROTONA E SUAS CONEXÕES RELIGIOSAS E POLÍTICAS COM OLÍMPIA NOS SÉCULOS VI, V E IV A.C.: AS EVIDÊNCIAS DAS IMAGENS MONETÁRIAS DE ÁGUIAS E RAIOS¹

*Crotone and its religious and political connections with
Olympia in the sixth, fifth and fourth centuries BC:
the coin types evidences of eagles and thunderbolts*

Lilian de Angelo Laky²

RESUMO

O objetivo deste artigo é mostrar o potencial do documento monetário na busca de redes de conectividade no Mediterrâneo grego por meio do estudo da iconografia monetária – o seu papel no compartilhamento de traços culturais nessa área em época arcaica e clássica – a partir do caso das imagens de águias e raios (os atributos de Zeus) usados em moedas por Crotona, na Magna Grécia, e por Olímpia, no Peloponeso. A pólis e o mais prestigioso santuário pan-helênico (principal local de culto a Zeus durante toda a Antiguidade grega) fizeram parte de uma rede cultural específica, onde, por pelo menos três séculos (VI, V e IV a.C.), compartilharam aspectos da iconografia dos atributos de Zeus em suas cunhagens de moedas.

Palavras-chave: Iconografia monetária; Crotona; Olímpia.

ABSTRACT

The aim of this article is to show the potential of coins in the search for network connectivity in the Greek Mediterranean through the study of monetary iconography - its role in sharing cultural traits in this area in the Archaic and Classical periods - from the case of images of eagles and thunderbolts (the attributes of Zeus) used on coins by Crotona, in

¹ Este artigo traz parte dos resultados da tese de doutorado (LAKY, 2016) realizada com financiamento da FAPESP.

² É pós-doutoranda da Universidade de São Paulo. E-mail: lililaky@gmail.com

Magna Grecia, and Olympia, in the Peloponnese. The polis and the most prestigious Panhellenic sanctuary (the main cult place of Zeus throughout Greek antiquity) were part of a specific cultural network, where, for at least three centuries (sixth, fifth and fourth centuries BC) they shared aspects of iconography of Zeus' attributes on their coinages.

Keywords: Monetary iconography; Crotona; Olympia.

Introdução

O santuário de Olímpia, no Peloponeso, e as *póleis* localizadas no Ocidente grego (na Sicília e na Itália do Sul ou Magna Grécia) possuem relações históricas bem antigas, que remontam, pelo menos, ao século IX a.C. de quando datam as primeiras importações provenientes dessas áreas encontradas em Olímpia. Mas os primeiros testemunhos a respeito da participação das *póleis* ocidentais nos jogos são do século VII a.C., quando se registram as vitórias mais antigas de atletas provenientes da região. Atletas provenientes de Crotona e de Siracusa, na Sicília, venceram em modalidades nos jogos olímpicos nessa época, como atesta o *Catálogo dos vencedores olímpicos da Antiguidade*. A influência de Olímpia sobre o lado ocidental do mundo grego foi tão grande a ponto de se afirmar que o santuário foi o centro de culto dos gregos ocidentais da Sicília e da Magna Grécia a partir, sobretudo, do século VI a.C. (ANTONACCIO, 2007, p. 219; GARDINER, 1925, p. vii; MARINATOS, 1993, p. 230; MORGAN, 1994, p. 102; PHILIPP, 1992, p. 45; YALOURIS, 1981, p. 12-13; 1995, p. 30). Ao longo do século VII e VI a.C. algumas formas de participação em Olímpia são *sine qua non* do *status* da elite, e o santuário foi parte integrante da autodefinição da aristocracia do Peloponeso e também do Ocidente grego, que consolidou sua presença em Olímpia no século VI a.C. (NEER, 2007, p. 226-227).

Como resultado do encontro e participação das elites de um número de regiões do mundo grego, Olímpia tornou-se o espaço onde informações e ideias eram transmitidas, comunicadas (MORGAN, 1994, p. 203). Como sintetiza C. Morgan, “a variedade de contatos entre os diversos Estados fomentou a partir de Olímpia a difusão de instituições similares e traços culturais ao longo de uma área muito abrangente” (MORGAN, 1994, p. 2). Em três estudos nossos anteriores, investigamos o papel de Olímpia no

compartilhamento de elementos iconográficos de Zeus e de seus atributos, criados pelo santuário para suas moedas, e do culto de Zeus Olímpio instituído por *póleis* e regiões do mundo grego, das quais se destacam a Sicília e a Magna Grécia (LAKY, 2008, 2013 e 2016). Trata-se de redes de conectividade construídas entre o santuário pan-helênico e as *póleis* do Ocidente grego, cujos atores foram as elites das cidades gregas, as participantes na organização e na competição dos jogos em Olímpia. Como bem defendeu I. Malkin, “redes podem explicar os sucessos e a disseminação dos traços comuns da civilização e identidade grega” (MALKIN, 2011, p. 16). As redes de conectividade nos possibilitam identificar “a disseminação de estilos literários, artísticos e arquitetônicos, o papel dos santuários pan-helênicos, a mobilidade humana de especialistas, da difusão de dialetos, etc.” (MALKIN, 2011, p. 17).

Nesse sentido, a moeda é o documento material por excelência no estudo de redes de conectividade no mundo grego. As moedas circulavam por lugares próximos ou longínquos, por entre várias *póleis* e até mesmo fora do mundo grego. As imagens que estes pequenos objetos carregavam muitas vezes eram copiadas por essas outras localidades, rearranjadas compondo novas imagens, sendo, portanto, evidências dessa conectividade no mundo grego antigo (FLORENZANO, 2000, p. 222).

Neste artigo, por meio da análise e interpretação das imagens monetárias de águias e raios nas moedas de Crotona e de Élis-Olímpia, datadas dos séculos VI, V e IV a.C., mostraremos como essas duas localidades construíram uma rede de compartilhamento de traços culturais, no nível religioso e político, que foi parte desse fenômeno maior de relação entre o santuário e as *póleis* ocidentais. A pólis de Élis³, responsável pelo santuário de Zeus em Olímpia, emitiu a cunhagem de moedas mais importante com imagens do deus e de seus atributos dentre todas as *póleis* do mundo grego (que usaram tais imagens) em época clássica e posteriormente. As imagens nessas moedas, em vários níveis, inovaram na iconografia de Zeus em época clássica, influenciando a representação da divindade em moedas de outras *póleis*. Neste estudo, a partir do caso de Crotona, discutiremos os graus dessa influência, que, como veremos, nem sempre foi de mão única (de Olímpia para o Ocidente grego).

3 Élis é o nome de uma pólis localizada no noroeste do Peloponeso e da região onde se situa o santuário de Olímpia. As razões históricas e os significados das imagens monetárias na cunhagem de moedas que Élis bateu em seu nome, para o santuário de Olímpia, encontram-se minuciosamente estudados em LAKY, 2016.

1. A história monetária de Crotona nas épocas arcaica e clássica

Localizada no sul da Península Itálica, na costa do Mar Jônico, Crotona foi uma das fundações de origem aqueia estabelecidas na Magna Grécia ao redor de 709/08 a.C. Juntamente com Síbaris e Metaponto, Crotona foi uma das três primeiras *póleis* da região a iniciar a cunhagem de moedas (JENKINS, 1990, p. 38; KRAAY, 1976, p. 167; RUTTER, 1997, p. 17; 2001, p. 3; 2012, p. 128). Metaponto e Síbaris iniciaram suas emissões ao redor de 550 a.C., enquanto Crotona começou a bater suas moedas em c. 530 a.C., conforme indica uma moeda crotoniata recunhada sobre um dos tipos monetários mais antigos de Corinto (KRAAY, 1976, p. 163; PARISE, 1990, p. 300; STAZIO, 1983, p. 373). As primeiras emissões monetárias de Crotona caracterizam-se pelo reverso incuso, no caso, com a imagem do trípode que, devido à técnica, aparece tanto no anverso quanto no reverso das moedas (RUTTER, 2001, p. 3; STAZIO, 1983, p. 369). A imagem da águia nas moedas de Crotona data dessa fase mais antiga da cunhagem da cidade. Trata-se das emissões de estater de prata com o tipo da águia incusa no reverso e o trípode, que se manteve como imagem no anverso (Figs. 1 e 2).

Figura 1 – Estater de prata de Crotona, c.530-500 a.C.



Anverso: Trípode; koppa POTO ou POTON.

Reverso: Águia voando à d.; incusa (KRAAY, 1976, Pr.35, 620).

Figura 2 – Estater de prata de Crotona, c.480-430 a.C.



Anverso: Trípode; koppa PO, às vezes retrogrado.

Reverso: Águia voando à e. ou à d.; incusa (RUTTER, 2001, no.2108)

Stazio propôs que as cunhagens de estateres com a águia incusa situam-se no período sucessivo à destruição de Síbaris por Crotona em 510 a.C.⁴ (STAZIO, 1983, p. 375). Mas a datação do único exemplar batido em disco largo, datado a partir de 530 a.C., coloca o uso da imagem da águia em moedas da cidade no período da chegada de Pitágoras⁵, anterior à guerra com Síbaris. Foi a partir desse período que a imagem da águia passou a ser, ao lado do trípede, um tipo principal nas moedas da cidade. Na técnica incusa, a águia aparece representada, nos estateres, voando à direita ou à esquerda, com as asas abertas (uma em cima e outra embaixo) e sem carregar alguma presa. Esse primeiro tipo monetário da águia de Crotona pode ser o segundo mais antigo desse padrão de representação (da águia voando) da ave em moedas, precedido apenas pela imagem monetária da ilha de Sifnos, no Egeu, datada de um pouco antes, de 540 a.C. (Laky, 2016, p. 539).

Esses tipos monetários com a águia incusa são definidos e denominados, por grande parte dos estudiosos, como emissões estranhas, separadas e subsidiárias das cunhagens de Crotona (CACCAMO CALTABIANO, 2009, p. 119-210; KRAAY, 1976, p. 168 e 174; PARISE, 1990, p. 302). Para C. Kraay, “a presença de um tipo diferente (a águia) daquele do trípede no reverso das cunhagens incusas, incomum às cunhagens nessa técnica de outras autoridades emissoras da região, teria indicado a participação de outra cidade na emissão das séries – tratar-se-ia de uma emissão de aliança” (KRAAY, 1976, p. 168; PARISE, 1990, p. 302; RUTTER, 1997, p. 29-30; STAZIO, 1983, p. 375).⁶ No caso dos estateres com as águias incusas, Kraay propôs que estes teriam sido batidos em uma oficina subsidiária em Hipônio com base no uso de tipos da águia em emissões mais tardias dessa cidade (GARGANO, 2012, p. 882; KRAAY,

4 Os autores costumam associar o crescimento da produção monetária de Crotona, desde o seu início, com a preparação, as exigências da guerra e, subsequentemente, a vitória sobre Síbaris em c.510 a.C. (PARISE, 1990, p. 301; STAZIO, 1984, p. 375). As causas dessa guerra estiveram nas intenções de Síbaris, já configurada como um “império”, em estender seu território em direção ao de Crotona e nas orientações político-institucionais opostas entre as duas cidades (BRACCESI; RAVIOLA, 2008, p. 103; LA TORRE, 2011, p. 90).

5 Fugido da tirania de Policrates em Samos, Pitágoras fundou a Escola Pitagórica em Crotona, reformando os costumes da oligarquia, atraindo membros de uma nova classe dominante, formada por membros selecionados da restrita aristocracia da cidade (BRACCESI; RAVIOLA, 2008, p. 102; CERCHIALI, 2004, p. 106).

6 Em posse de toda a área do antigo império de Síbaris, Crotona seguiu a estratégia sibarita de fazer das emissões monetárias um eficaz instrumento de controle de seus novos domínios – essas são chamadas, pelos estudiosos, de moedas de império, de aliança ou subsidiárias (KRAAY, 1976, p. 168; PARISE; 1990, p. 301-302; RUTTER, 1997, p. 29-30; STAZIO, 1983, p. 967).

1976, p. 168; PARISE, 1982, p. 115-116; 1990, p. 302; RUTTER, 1997, p. 30; STAZIO, 1983, p. 375). Stazio, em seu estudo das cunhagens crotoniatas, é o único a explicar as séries com a águia como uma nova expressão da oficina crotoniata (STAZIO, 1983, p. 375). De fato, nessas séries não há a legenda abreviada do nome de Hipônio acompanhando o étnico de Crotona, como ocorre para os outros casos de moedas de aliança, apenas a inscrição referente à pólis crotoniata aparece nas moedas.

Entre a última fase da técnica incusa de disco estreito (após 480 a.C.) até o emprego do relevo duplo na oficina monetária de Crotona (no último quartel do século V a.C.), o tipo da águia voando, sem carregar qualquer presa, continuou a figurar nas cunhagens da cidade, sendo trocado, na fase do relevo duplo, por outro padrão de representação da ave (em pé), usado ao lado de novos tipos de representações. Entre esse período, que vai do início ao segundo quartel do século V a.C., Crotona viveu o apogeu, obtido pela conquista do território de Síbaris, e a desintegração de seu poder territorial e político. A vitória sobre os sibaritas assinalou um período de expansão massiva de Crotona por toda a primeira metade do século V a.C. No entanto, Crotona, ao longo do tempo, não foi capaz de administrar a grande extensão do império sibarita com seu enorme potencial produtivo, o que levou à desestabilização do equilíbrio interno da cidade (CERCHIAI, 2004: 106).

A partir do último quartel do século V a.C., quando a técnica do relevo duplo se firmou em Crotona, houve uma certa continuidade no uso dos tipos tradicionais do trípede, no anverso, e da águia voando, no reverso, embora por um curto espaço de tempo (**Fig. 3**) (STAZIO, 1983, p. 384). Foi nesse período, no entanto, que a tipologia monetária das moedas se reavivou: o trípede foi relegado a imagem secundária, no reverso, e a águia se afirmou como o tipo do anverso, não aparecendo mais em voo, mas em pé, geralmente sobre um capitel jônico ou sobre alguma presa, com as asas fechadas ou erguidas, cabeça para frente, para trás ou curvada (em estateres) ou apenas com as asas fechadas e cabeça para trás (em pequenas denominações em prata e bronze) (KRAAY, 1976, p. 181; RUTTER, 1997, p. 82; 2001, p. 170; STAZIO, 1983, p. 384 e 395). É preciso destacar que, nessa fase do duplo relevo no século V a.C., a imagem do raio (ladeada por dois grandes anéis) foi usada pela primeira vez em moedas de Crotona, no reverso, acompanhando, no anverso, o trípede do tipo tradicional do período incuso. Foram sugeridas várias datações para esse dióbolo de prata, que não possui inscrição. Aqui consideraremos aquela datação do século V a.C. que termina em 425 a.C. (**Fig. 4**) (RUTTER, 2001, p. 170).

Figura 3 – Estater de prata de Crotona, c.430-420 a.C.

Anverso: Trípode; koppa PO.

Reverso: Águia voando à d. (RUTTER, 2001, no.2120).

Figura 4 – Dióbolo de prata de Crotona, antes de 425 a.C.

Anverso: Trípode dentro de um círculo.

Reverso: raio dentro de um círculo; de cada lado, pequenos círculos (RUTTER, 2001, no.2134).

Relacionados ao período pós-formação da primeira fase da liga italiota, e da ocupação de Crotona por Dionísio I, tirano de Siracusa na Sicília, após a batalha de Helesporo⁷, estão os tipos datados entre c. 425-375 a.C., nos quais a águia é retratada com as asas fechadas, cabeça para trás sobre a cabeça de um carneiro, enquanto o raio aparece no reverso no lugar do trípode, acompanhado ou não por dois crescentes em pequenas denominações de bronze (**Figs. 5 e 6**).

⁷ Como resultado da crise na região, e principalmente relacionada às *póleis* aqueias na costa jônica, organizou-se, pela primeira vez uma liga entre algumas dessas cidades. Políbio é a principal fonte de informação a respeito da primeira fase da liga, denominada, em seu segundo momento no século IV a.C., de liga italiota. Após o estabelecimento de um acordo de Dionísio I com os lucanos, o tirano e a liga italiota entraram em confronto, após a destruição de Caulônia, ocorrendo a vitória do tirano siracusano sobre a liga na batalha de Helesporo em 389/88 a.C., a partir daí estendendo seu controle sobre a maior parte da Itália do Sul (BRACCESI; RAVIOLA, 2008, p. 153; FRONDA, 2013, p. 134; LA TORRE, 2011, p. 123).

Figura 5 – Moeda de bronze de Crotona, c.425-375 a.C.

Anverso: Águia à d. sobre cabeça de carneiro; no campo, proa? arco?

Reverso: Tripode; ? koppa POT ou raio; peso: 5-7 g (RUTTER, 2001, no.2207).

Figura 6 – Moeda de bronze de Crotona, c.425-375 a.C.

Anverso: Águia à d. sobre cabeça de carneiro; no campo, proa? arco?

Reverso: Raio na horizontal entre dois crescentes; peso: AE / 4-5 g. (RUTTER, 2001, no.2208).

Do período subsequente à primeira fase da liga italiota, sob a liderança de Crotona, até o período em que Tarento tomou a liderança, entre c. 425-350 a.C., datam os estateres, nos quais a ave aparece de asas fechadas e cabeça para frente, sobre capitel jônico (**Fig. 7**), ou com a cabeça para trás, ou ainda sobre cabeça de carneiro ou arquitrave (com crânio de cabra ao lado) (**Fig. 8**); em denominações de prata, é retratada de asas fechadas e cabeça para trás sem estar sobre presa ou algum suporte.

Figura 7 – Estater de prata de Crotona, c.425-350 a.C.

Anverso: Águia em pé à e. ou à d. com asas dobradas, sobre um capitel jônico; koppa POT.
Reverso: Trípede; no campo, grão de trigo; no exergo, E; koppa POT (KRAAY, 1976, Pr.36, 630).

Figura 8 – Estater de prata de Crotona, c.425-350 a.C.

Anverso: Águia em pé à d. com asas dobradas, sobre uma arquitrave; no campo, crânio de cabra?

Reverso: Trípole com pescoço alto; raminho de oliveira ou de folhas de louro; koppa PO (CAHN ET ALII, 1998, no. 201).

Desse mesmo período, data um estater no qual a águia é retratada com as asas erguidas e cabeça para frente, sobre ramo de oliveira ou de louro ou ainda sem nenhuma presa (**Fig. 9**), e um outro em que a ave aparece com a cabeça curvada (não se sabe a posição das asas) sobre cobra.

Figura 9 – Estater de prata de Crotona, 360-340 a.C.

Anverso: Águia em pé à e. com asas abertas e garra direita segura um ramo; KPO[ΤΩΝΙΑΤΑΝ.

Reverso: Trípole; à e., grão de trigo; à d. cobra (CAHN ET ALII, 1998, 202).

Da época ainda anterior à derrota em Helesporo e ao domínio de Dionísio em Crotona é o estater datado de c. 420-400 a.C., no qual a águia aparece de asas fechadas, cabeça para trás, sobre nariz de veado (**Fig. 10**). Da primeira metade do século IV a.C., data uma pequena denominação em prata (trióbolo), com a imagem do trípole, no anverso como nos tipos mais antigos, e da águia de asas fechadas e cabeça para trás sobre capitel jônico, no reverso. É desse período também, entre 400-350 a.C., outro trióbolo de prata com a figura do trípole, também no anverso, com a imagem do raio no reverso como tipo principal, acompanhado pelo desenho de uma águia de asas fechadas e cabeça para trás sobre uma coluna jônica (no lado direito do

campo) e pelo de desenho de um crescente (no lado esquerdo) (**Fig. 11**). É justamente nesse trióbolo que o raio e a águia aparecem pela primeira vez representados no mesmo campo de uma moeda de Crotona.

Figura 10 – Estater de prata, Crotona, 420-400 a.C.



Anverso: Águia em pé à e. olhando à d. sobre nariz de veado.
Reverso: Trípole; koppa PO (SEAR, 1978, no. 470).

Figura 11 – Trióbolo de prata, Crotona, 400-350 a.C.



Anverso: Trípole; folha de louro à e.; KPO.
Reverso: Raio vertical; estrela à e.; águia em pé de asas fechadas sobre capitel jônico à d. (RUTTER, 2001, no.2185).

Em c. 400 a.C., quando o bronze⁸ foi introduzido nas cunhagens de Crotona, a representação da cabeça da águia foi usada, exclusivamente e pela primeira vez, no reverso de uma fração batida nesse metal, na qual o trípole foi usado, também nesse caso, como a imagem do anverso. Um estater de c. 360-340 a.C. possui a imagem da águia de asas erguidas e cabeça para frente sobre um ramo de oliveira ou louro (**Fig. 9**). Da segunda metade do século IV a.C., uma pequena denominação de bronze traz a imagem da ave de asas fechadas e cabeça para trás, aparentemente sem estar sobre presa, ramo ou capitel.

⁸ STAZIO, 1984, p. 395.

Esse panorama acerca dos tipos monetários emitidos por Crotona, desde o início de suas emissões até ao menos o segundo quartel do século IV a.C., permite-nos visualizar como, quando e por que as imagens de águias e de raios foram utilizadas pela oficina monetária da comunidade. Vale destacar que a cidade não usou imagens de Zeus em suas moedas, mas escolheu apenas a de seus dois atributos.

2. Conexões religiosas com Olímpia e as imagens monetárias de águias e raios: estado atual da questão

Sobre o significado da águia nas moedas de Crotona, todas as interpretações propostas procuraram relacioná-la ao culto de Zeus no local e ao santuário de Olímpia. De acordo com Stazio, o significado da águia como tipo monetário teria sido uma alusão a Zeus e ao seu culto, não documentado em Crotona (STAZIO, 1983, p. 370-371 e 376). Esse mesmo autor, baseando-se em uma hipótese de A. Mele, propõe que a introdução do tipo da águia nas emissões crotoniatas teria se devido a Callias, um membro da famosa família de adivinhos de Élis, os Iamides, responsáveis durante séculos pelo oráculo de Zeus Olímpio em Olímpia. Segundo uma informação de Heródoto (V, 44-45), na época da guerra contra Síbaris, Callias teria passado a apoiar os crotoniatas após realizar um sacrifício com um presságio não propício aos sibaritas, prevendo a derrota destes. Os crotoniatas, por sua vez, doaram terras a Callias de Élis, e seus descendentes ainda residiam ali no tempo de Heródoto (STAZIO, 1983, p. 376). Stazio prefere ver na existência dos Iamides em Crotona a explicação para a presença da ave na moeda, evitando aquela, presente repetidamente na bibliografia, de que o uso da ave teria sido devido à participação dos atletas crotoniatas nos jogos olímpicos (STAZIO, 1983, p. 376 e 385). A introdução do tipo da águia, na cunhagem crotoniata, conclui, indicou um momento de ligação com o santuário de Olímpia (STAZIO, 1983, p. 376).

Acerca da relação atletismo, Olímpia e Crotona, citando uma informação de Ateneu, Parise acredita ser mais verossímil a hipótese que relaciona a introdução do tipo da águia com a tentativa da cidade em organizar Olimpíadas locais (PARISE, 1990, p. 303). Crotona foi uma das

idades gregas com atletas mais proeminentes nos jogos olímpicos nos séculos VI e V a.C. Essa proposição é rebatida por Vonderstein, o qual lembra que Crotona, no século VI a.C., tinha interesse em manter boas relações com o santuário de Olímpia, sendo pouco provável, por essa razão, que a cidade tivesse tentado realizar jogos locais (VONDERSTEIN, 2006, p. 28). A seu ver, teria havido, ao invés disso, versões locais dos jogos de Olímpia com os quais não se desejava entrar em rivalidade com o santuário pan-helênico, mas, sim, estabelecer um local de culto e de disputa esportiva, nos moldes de Olímpia, na região sul da península itálica (VONDERSTEIN, 2006, p. 28). C. Kraay, seguido por N. K. Rutter, vê a explicação para o uso de tipos monetários da águia em pé sobre capitel jônico e presas, datados entre o século V-IV a.C., semelhantes aos de Olímpia, na reputação dos atletas crotoniatas nesse santuário (KRAAY, 1976, p. 181; RUTTER, 1997, p. 82; 2001, p. 170). Dentre todos os tipos da águia em pé desse período, aquele no qual a ave é representada sobre o capitel de uma coluna jônica seria a principal evidência dessa relação, já que o tipo é recorrente nas moedas de Élis. No entanto, como afirmou primeiro Stazio e depois Vonderstein, no século IV a.C., a proeminência atlética de Crotona havia diminuído consideravelmente em relação aos séculos anteriores (STAZIO, 1983, p. 385; VONDERSTEIN, 2006, p. 26).

Para Vonderstein, “a águia, como real indicativo de um culto a Zeus na cidade, permanece sendo a explicação mais sensata” (VONDERSTEIN, 2006, p. 26). Nesse caso, esse autor conclui que se trataria de Zeus Olímpio – o qual teria permanecido como divindade central do panteão de Crotona até a tomada da cidade pelos romanos (VONDERSTEIN, 2006, p. 28). Para tal afirmação, Vonderstein se baseia na premissa de que a águia, representada em pleno voo nas primeiras emissões da cidade, seria um emblema de Zeus Olímpio nas moedas crotoniatas, pois o tipo já era recorrente em moedas de Cálcis, na Eubéia, e nas de Élis, datadas do mesmo período das de Crotona, isto se aceitarmos que as emissões de Élis em Olímpia tenham se iniciado em 530 a.C. (VONDERSTEIN, 2006, p. 26). Em Cálcis, o culto a Zeus Olímpio é atestado na cidade no início da época clássica, por essa razão, a águia, presente nas primeiras emissões, seria também uma alusão a Zeus Olímpio, como ocorre no caso de Olímpia (VONDERSTEIN, 2006, p. 26). O autor vale-se também das semelhanças tipológicas das moedas de Élis do fim do século V a.C. e do século IV a.C., que possuem motivos comuns àquelas de Crotona, emitidas quase contemporaneamente – a águia em pé sobre a coluna e sobre as presas (VONDERSTEIN, 2006, p. 26). E por fim,

outra teoria não relaciona a Olímpia a presença da águia em pé dos tipos de Crotona, datados entre os séculos V-IV a.C., mas à formação da liga das cidades aqueias em c. 430 a.C. (RUTTER, 2001, p. 170). Entretanto, essa proposição foi refutada recentemente por M. Fronza em seu artigo sobre a liga italiota (FRONZA, 2013, p. 129).

De fato, como já bem apontaram Stazio e Vonderstein, houve uma clara relação entre Crotona e Olímpia, evidenciada pelas fontes literárias em relação à afinidade dessa pólis, com o atletismo no santuário e visualizável, de certa forma, na tipologia monetária dessa cidade. Sobre a proposição de A. Mele, seguida por Stazio, com relação aos Iamides, em Siracusa, na Sicília, a presença de membros dessa família de Élis na fundação dessa cidade pode ter influenciado a introdução do culto de Zeus Olímpio no local (CIACERI, 1894, p. 5; LAKY, 2013, p. 71). Os Iamides, no Ocidente grego, teriam sido responsáveis pela difusão, nessa área, de traços culturais de sua região originária, Élis. A nosso ver, a chegada dos Iamides em Crotona quase ou contemporaneamente ao início do uso da águia nas moedas da cidade pode tanto ter ocorrido por influência, em algum grau, dessa família como ser somente mais um testemunho das ligações entre Crotona, a região de Élis e o santuário de Olímpia durante o final da época arcaica.

3. Novas hipóteses sobre a relação entre Olímpia e Crotona vista nas imagens monetárias de águias e raios

3.1 Comparações imagéticas com as imagens monetárias de Élis-Olímpia

Com relação à correlação entre os tipos monetários crotoniatis e os de Élis, uma análise mais cuidadosa e precisa baseada nos critérios estabelecidos por nós dos padrões de representação da águia⁹ indica que

⁹ A representação da águia na arte grega em geral e nas representações monetárias foi amplamente estudada em LAKY, 2016.

não houve uma influência tão direta assim da tipologia da águia de Élis nas moedas de Crotona, tal como defendem os estudiosos até o momento. O tipo monetário da águia voando, emitido em Crotona, não possui a cobra como naqueles de Élis e de Cálcis, como comparou Vonderstein. O tipo da águia voando sem carregar a cobra, nas moedas de Élis, veio a ocorrer em emissões de c. 468 a.C., portanto, muito posteriormente aos primeiros estateres incusos de Crotona. A imagem da águia voando, sem presa, era um tipo muito recorrente em moedas de outras regiões do mundo grego entre a segunda metade do século VI a.C. e o início do século V a.C., como em Sifnos, no Egeu, Cálcis, na Eubéia, e Olinto, na Trácia. No caso dos tipos da águia em pé com alguma presa, Élis realmente usou presas (no caso principalmente a lebre), antes de Crotona, em seus tipos nos quais a ave aparece de asas erguidas datados a partir de 432 a.C. (**Fig. 12**).

Figura 12 – Estater de prata, Élis-Olímpia, c. 432-420s a.C.



Anverso: Águia voando à d., com ambas as asas acima de seu corpo, carregando uma lebre pelas costas com suas garras e dilacerando-a com seu bico.

Reverso: Raio com asas embaixo e palmeta com volutas em cima; F AAEION (WALKER, 2004, no.53).

Contudo, nos tipos crotoniatas da águia em pé com presas, cunhados a partir de c. 425 a.C., a ave, não retratada de asas erguidas, mas com asas fechadas e cabeça para trás ou para frente, está sobre a cabeça de um carneiro, de um veado (**Fig. 10**), de um crânio de uma cabra ou sobre uma cobra – presas diferentes presentes nos tipos monetários de Élis anteriores aos crotoniatas. O uso da lebre como presa, muito recorrente nos tipos de Élis (**Fig. 12**), não foi usado por Crotona até a época clássica, e o veado dos tipos monetários crotoniatas só foi usado nas moedas de Élis ao redor de 344 a.C. A águia retratada com as asas erguidas sobre um ramo de oliveira e de louro de moedas de c. 425-350 e 360-340 a.C. (**Fig. 9**) não é vista dessa maneira nas moedas de Élis. Nas moedas de Élis o ramo de oliveira aparece como guirlanda, rodeando a águia, em tipos datados a partir de 380 a.C. (**Fig. 13**).

Repetidamente citado na bibliografia, a imagem da águia em pé, de asas fechadas, sobre o capitel de uma coluna jônica foi usada antes por

Crotona a partir de 425 a.C., e não por Élis, cujo tipo monetário é datado de 360 a.C. (**Fig. 14**). O único caso que pode ser citado como uma influência de Élis nas escolhas tipológicas de Crotona é o tipo da cabeça de águia usado pela primeira vez por Élis em 416 a.C., e depois por Crotona em c. 400 a.C., embora devamos lembrar que esse padrão de representação apareceu antes em elétrons cunhados em Éfeso, na Jônia, no início do século V a.C.

Figura 13 – Estater de prata, Élis-Olímpia, 380 a.C.



Anverso: Cabeça de Hera à d. usando um stephanos ornamentado com cinco palmetas conectadas por gavinhas; F AAEION.

Reverso: Águia em pé à d., com sua cabeça virada para trás à e., e suas asas abertas, dentro de uma coroa de folhas de oliveira; abaixo e acima da asa esquerda da águia, Π O; abaixo da coroa, [Λ] YKA (WALKER, 2004, no.107).

Figura 14 – Estater de prata, Élis-Olímpia, 360 a.C.



Anverso: Cabeça laureada de Zeus à d. com cabelos e barba curtos.

Reverso: Águia em pé à d. com asas fechadas, sobre o capitel de uma coluna jônica; F A (WALKER, 2004: 119).

Não considerado pelos estudiosos no debate acerca da presença da águia nas moedas de Crotona, o raio também foi um atributo de Zeus tão importante como a águia, embora não tenha sido usado como tipo principal, tal como a ave e o tripode, nas emissões da cidade. Vimos, anteriormente, que o raio foi representado sozinho (no reverso) com o tripode (no anverso) no século V a.C., antes de 425 a.C. (**Fig. 4**); junto à águia em uma mesma moeda (um atributo no anverso e o outro no reverso) a partir de c. 425 a.C. (**Fig. 6**); e em um mesmo lado da moeda com a águia (ambos no reverso)

entre 400-350 a.C. (**Fig. 11**). O uso das imagens do raio e da águia, em uma mesma moeda (cada qual em um lado) foi uma criação de Élis para as moedas do santuário de Olímpia ao redor de 468 a.C. (**Fig. 15**).

Figura 15 – Estater de prata, Élis-Olímpia, c.468 a.C.



Anverso: Águia voando à d., com asas abertas acima e abaixo de seu corpo, segurando nada em seu bico e garras.

Reverso: Raio com asas em cima e volutas embaixo; F A (WALKER, 2004, no. 1).

A combinação dos dois atributos foi usada pela primeira vez fora de Olímpia, por Crotona a partir de c. 425 a.C. (**Fig. 11**), apesar de os dois atributos de Zeus não estarem representados cada qual em um lado da moeda como está no estater de Élis (**Fig. 15**). O uso dos atributos de Zeus associados em uma mesma moeda, não importando se juntos no campo ou separados, é, de toda forma, inédito e tem um significado importante em relação ao culto de Zeus. A nosso ver, trata-se de mais uma evidência que corrobora a existência de uma rede de difusão de traços entre essa cidade e o santuário pan-helênico, nesse caso, sendo Olímpia a responsável por propagar uma ideia ao Ocidente grego, e não o contrário, como vimos com relação à imagem da águia sobre o capitel. Já o uso combinado dos dois atributos, em um mesmo lado de uma moeda, pode ter sido uma inovação de Crotona, pois essa forma de usar as imagens do raio e da águia aparecem apenas mais tarde em moedas de Larissa, na Tessália, de c. 370-360 a.C., e dos Molossos, no Épiro, em c. 350 a.C. – datadas quase do mesmo período (primeira metade do século IV a.C.). Mas em Larissa e entre os Molossos, o raio é representado sob os pés da águia, sendo um esquema diferente daquele usado em Crotona. O esquema iconográfico no qual o raio aparece como tipo principal, vertical, e a águia ao seu lado no campo parece de fato ser uma criação ocidental de Crotona, vista somente em tipos monetários do período de Timoleonte em Siracusa no século IV a.C.

3.2 *Comparações imagéticas com imagens monetárias de Agrigento, Sicília*

Acrescentamos a essa interpretação que vê a ligação com Olímpia a correspondência cronológica e simbólica dos tipos monetários de Crotona com aqueles tipos da águia em pé emitidos por Agrigento na metade e no segundo quartel do século V a.C. Nesse sentido, seguimos o que propõe a Escola de Messina: na ausência de tipos monetários semelhantes e contemporâneos em uma mesma região, no caso, a Itália do Sul, devemos observar as emissões mais próximas, nesse caso, Agrigento, pólis do Ocidente grego que mais emitiu tipos monetários de águias no período. Assim como Crotona, Agrigento emitiu os tipos de águia, usando-os como imagem principal de suas moedas, no século VI a.C., ainda que poucos anos depois da pólis crotoniata. Nas primeiras emissões de ambas as cidades, a águia é retratada sem portar qualquer presa, somente em pé, no caso de Agrigento, e voando, no caso de Crotona. As imagens associáveis entre as duas autoridades emissoras correspondem àquelas posteriores da ave em pé sobre o capitel jônico e as presas. O tipo da águia em pé, de asas fechadas e sobre o capitel de uma coluna jônica, foi cunhado por Agrigento entre 460-450 a.C. (**Fig. 16**), antes de Crotona (de c.425-350 a.C.), e quase um século antes de Élis (de c.360 a.C.), o que coloca por terra a ideia de que Élis teria criado essa composição e, por sua vez, influenciado Crotona. Esse caso mostra que existia, em termos de iconografia monetária, não apenas uma influência de Élis e Olímpia sobre o Ocidente grego, de mão única, mas uma influência do Ocidente grego na difusão de traços culturais a Olímpia e sua região¹⁰.

10 Alguns estudos a esse respeito têm mostrado essa influência na arquitetura templária em Olímpia - criações, inovações gregas ocidentais são notadas em vários aspectos materiais no santuário, como, por exemplo, no templo de Zeus. Nessa direção, a investigação de N. Klein defende a existência de características arquitetônicas dóricas do Ocidente grego no edifício e a de T. Grupico levanta a possibilidade de a planta do templo de Zeus ter derivado das plantas dos templos gregos ocidentais (GRUPICO, 2008, p. 208 e 211; KLEIN, 1998, p. 366).

Figura 16 – Tetradracma de prata, Agrigento, 460-450 a.C.

Anverso: Águia em pé à e. com asas fechadas sobre capitel jônico; AKPAC/ANTOΣ.
Reverso: Caranguejo; embaixo, duplo espiral (CAHN ET ALII, 1998, 254).

3.3 Os significados simbólicos das imagens monetárias de águias e raios à luz de seus contextos históricos

Acreditamos que essa correspondência temporal, no uso do tipo da águia em pé com presas, não esteve meramente associada a um simples processo de difusão de tipos de imagens de um local a outro, de Olímpia para Crotona, como foi proposto, ou de Agrigento para Crotona, ou ainda ao culto de Zeus Olímpio na cidade, mas tenha sido expressão de momentos comuns de ameaça à comunidade política, ainda que os eventos tenham sido diferentes para essas duas cidades, uma localizada na Sicília e a outra no sul da península itálica. Esses tipos de Agrigento pertencem ao período que abarca desde a hegemonia de Siracusa, a invasão ateniense e cartaginesa até a destruição da cidade. Em Crotona, esses tipos começaram a ser produzidos no período de crise e de declínio da cidade, após a formação da liga das cidades aqueias, lideradas por Crotona, em razão da crise política interna à cidade e à região, da hegemonia de Dionísio I e invasão dos lucanos, do domínio desse tirano na cidade, da perda da direção da liga para Tarento e à chegada dos *brettii*. Portanto, os tipos da águia em pé com a presa passaram a ser usados pela oficina monetária quando Crotona perdeu o controle do império que havia conquistado de Síbaris. Nesse sentido, o significado proposto para os tipos monetários de Agrigento também se aplicaria àqueles de Crotona – o de vitória e derrota sobre o inimigo. Esse padrão de

representação da águia em pé com presas esteve relacionado à necessidade de repelir situações eminentes e ruins em determinada conjuntura da pólis, quando guerra, competição e vitória foram importantes¹¹.

Interessante notar que esse fenômeno da adoção simultânea do tipo da águia em pé com presas por Agrigento e Crotona, *póleis* no Ocidente grego, justamente em momentos militares importantes e definidores do futuro da comunidade política, também ocorreu para Olímpia, onde o padrão em pé com presa (no caso a lebre) passou a ser usado em c. 432 a.C., um pouco antes do início da guerra do Peloponeso. Presas (a lebre ou a cobra) são representadas com a águia nas moedas de Élis-Olímpia desde as primeiras emissões no início do século V a.C., embora nesse período a ave seja representada voando. Foi justamente em c. 432 a.C., um período não muito distante das cunhagens referidas de Crotona e Agrigento, que Élis passou a usar a águia em pé sobre uma presa (a lebre). Diante das relações de Agrigento e Crotona com o santuário de Olímpia em época arcaica e clássica, podemos afirmar que, nesse período, havia uma rede entre esses três locais no tocante às escolhas tipológicas da águia e aos seus significados. Se considerarmos as relações estabelecidas entre Olímpia e essas duas cidades, é provável que o significado dessas imagens, usados por Élis, à época da guerra do Peloponeso, tenha sido requisitado da mesma maneira pelas *póleis* no Ocidente, a exemplo das moedas de Olímpia, nos momentos militares e políticos decisivos para a região, assim como foi o conflito no Peloponeso. Assim, as cidades aproveitaram para afirmar, através da representação dos tipos conhecidos de Olímpia, a sua ligação com o santuário, apesar de os tipos não serem estritamente iguais.

Mas, a nosso ver, os tipos monetários da águia em pé, cunhados em Crotona, não foram alusivos *apenas* à relação local com Olímpia e ao culto de Zeus Olímpio, como propôs Vonderstein. Os crotoniatas, provavelmente, devem ter tido uma afinidade com o culto de Zeus Olímpio, apesar de o culto, até onde se sabe, não se ter materializado na cidade até a época clássica. Na interpretação desse autor, a águia voando das primeiras emissões deve ser considerada como um símbolo de Zeus Olímpio (VONDERSTEIN, 2006,

11 Em nossa pesquisa de doutorado, realizamos uma análise e interpretação minuciosa acerca do significado simbólico dos padrões de representação da águia em moedas gregas a partir da literatura antiga em associação à arte grega em geral. A águia carregando tipos de presas esteve amplamente associada, principalmente na *Iliada* e na *Odisséia*, a episódios mânticos de agouros relacionados à guerra e à vitória (vide LAKY, 2016, p. 402-408).

p. 26). De fato, nos textos de Homero, principalmente na *Iliada* (VII, 245-252; XIII, 81-83), a águia voando (com ou sem a presa) era tida como um presságio enviado por Zeus do alto do Olimpo. Por essa razão, Vonderstein não deixa de estar certo. Mas o tipo da águia voando não pode ser tomado como evidência contundente do culto do deus na cidade da maneira como defende o autor. Os gregos associavam a águia a Zeus, mas nem sempre o uso da ave em moedas de uma cidade atesta o culto no local. Muitas vezes a ave como tipo monetário era usada apenas como símbolo das energias divinas¹² da divindade, requisitadas como emblemas para a proteção da comunidade em algum momento específico. Nesses casos, podemos dizer, a águia nas moedas era uma alusão *indireta* a Zeus. Em outros casos, quando o culto é um dos principais da cidade, realizado em santuários, o uso da imagem de um atributo como é a águia pode ser uma alusão *direta* ao deus. Acreditamos que, no caso de Crotona, tenha ocorrido uma alusão indireta à divindade.

Em suma, em Crotona, como em Agrigento, apesar de lá o culto ser atestado em santuários, a escolha pelo tipo da águia em pé, nos períodos assinalados, deve ter expressado em primeiro lugar o significado “universal” aos gregos desse tipo de representação – vitória e derrota sobre os inimigos. O significado de vitória, requisitado nessas moedas, pode ser confirmado pela presença de tipos secundários (ou talvez símbolos) presentes no campo monetário junto ao trípede no reverso. Trata-se, entre outros, de folhas de oliveira e louro, claros símbolos agonísticos de vitória. Os tipos monetários da águia em pé sobre ramo de oliveira e louro aludem também a esse significado. As datações dos tipos (c. 425-350 e 360-340 a.C.) podem indicar que foram escolhidos para afirmar a posição de liderança da cidade na primeira fase da liga e a estabilidade alcançada após a intervenção aqueia, como a reconquista de sua autonomia após o domínio de Dionísio I. As cidades podem até ter escolhido os tipos para aludir a Olímpia, seguir um conceito de representação usado pelo santuário (no caso da representação

12 Trata-se de uma perspectiva preconizada por J. Bayet (1959), que primeiro a aplicou no estudo de moedas gregas. “Havia uma crença comum entre os povos pré-industriais – e os gregos não eram uma exceção – de que certos objetos, como as pedras, as plantas, os animais, ou mesmo qualquer objeto fabricado pelo homem, poderia ter – devido a circunstâncias particulares – um poder, uma energia interna denominada de maná. De acordo com a mesma crença, uma imagem poderia substituir, em alguma medida, a energia de um objeto” (FLORENZANO, 1995, p. 226). Na moeda, “emblema da comunidade ou do poder constituído, a imagem adquiria uma dupla função: não apenas identificava o poder emissor a uma força divina ou extraordinária, como também invocava essa força para a proteção deste” (FLORENZANO, 1995, p. 227).

com as presas), mas o significado requisitado pela pólis no uso da imagem deve ser por nós procurado no significado simbólico geral desse tipo de representação e na sua correspondência temporal ou não com as situações históricas vigentes as quais envolveram determinada autoridade emissora.

É dessa maneira que também devemos buscar o significado simbólico da *águia voando* usada como imagem principal em uma das primeiras emissões monetárias de Crotona. Vimos anteriormente, a partir da datação dos exemplares, que a águia nas emissões incusas pode ter sido emitida tanto na época da chegada de Pitágoras à cidade em 530 a.C. quanto após a vitória sobre Síbaris em 510 a.C. Vimos também como o tipo continuou a ser usado pela oficina monetária de Crotona durante a fase do relevo duplo entre 430-420 a.C. Percebe-se, assim, que a imagem da águia voando foi usada pela primeira vez no momento pós-batalha de Sagra, quando mesmo vinte anos depois a cidade atravessava uma crise em decorrência de sua derrota, provavelmente ainda em época de governo oligárquico, antes do período democrático no final do século VI a.C. Novamente, nesse caso se vê como o tipo da águia voando também aparece relacionado à guerra – à batalha de Sagra e aquela contra Síbaris mais tarde. A análise contextual do significado desse padrão de representação mostra como a imagem da águia voando foi compreendida e usada como um sinal de bom agouro na luta, de presságios favoráveis à vitória e, ao mesmo tempo, para afastar um resultado desfavorável na guerra (LAKY, 2016, p. 402-408). A esse respeito, como prova adicional, de que esse significado era compreendido e compartilhado na região naquele momento, dispomos de um trecho de Justino (XX 2, 9-3, 8), que testemunha o surgimento de uma águia no campo de batalha de Sagra, que se manteve ali até que Lócris vencesse o confronto. Na sequência, no trecho, Justino dá a entender que o surgimento da águia no campo marca ou anuncia, de algum modo, a aparição dos Dióscuros, os quais foram vistos combatendo no conflito até que desaparecessem.

Assim, o uso da águia em pleno voo nas moedas de Crotona e seus valores talismânicos e apotropaicos¹³ remontam ao período da crise pós

13 Nesse contexto de fixação e controle de energias, propiciados pelas imagens, está também o caráter apotropaico das imagens monetárias (FLORENZANO, 1995, p. 226-227). “Trata-se de um raciocínio – característico da religião antiga – de que alguém pode combater uma energia indesejada com uma energia igual a ela (FLORENZANO, 1995, p. 227). “Se as imagens usadas como talismãs protegiam pela sua mera presença, uma imagem apotropaica tinha o objetivo de afastar e intimidar forças humanas e sobre-humanas ruins” (FARAONE, 1992, p. 4).

batalha de Sagra. Mas seus valores talismânicos e apotropaicos, requisitados inicialmente nesse período, mantiveram-se durante a época de apogeu do império herdado de Síbaris, como no seu declínio com a crise pitagórica e a formação da liga das cidades aqueias. Por essa razão, não podemos relacionar o uso do tipo da águia nas moedas da cidade com a formação da liga italiota em 430 a.C., simplesmente pelo fato das cidades aqueias terem escolhido um santuário dedicado a Zeus Homarios para suas reuniões, como reitera M. Fronda (FRONDA, 2013, p. 129). A introdução da imagem da águia como tipo nas moedas é muito anterior à liga, e sua longa duração na cunhagem perpassa e se relaciona a outros períodos da história da cidade. Nem mesmo os tipos monetários da águia em pé com presa ou com o capitel podem ser considerados evidências da formação da liga e da instituição do culto a Zeus Homarios no período. Como vimos, o uso dessas imagens por Crotona deve ser entendido como resultado de várias conjunturas históricas, as quais levaram à busca em usar a águia, em seus vários tipos de representações, como símbolo, cujo significado específico funcionasse para a comunidade política em momentos bem determinados.

O raio passou a ser utilizado pela oficina monetária de Crotona em suas emissões no período da crise pitagórica, ou de seus desdobramentos até após a formação da liga em c. 430 a.C. com a liderança dessa cidade – o atributo entrou no repertório tipológico no momento em que a cidade e as outras da região buscavam por seu equilíbrio político. O raio se afirmou no repertório iconográfico das moedas da cidade no mesmo momento político e militar em que a águia passou a ser representada em pé sobre as presas ou sobre o capitel a partir de c. 425 a.C. até 375 e/ou 350 a.C. Arma de soberania de Zeus, usada pela divindade para punir e aniquilar seus adversários cósmicos¹⁴, o raio assumiu um significado preciso como emblema de Crotona em suas moedas desse período – associar a sua representação a Crotona deve ter sido expressão de afirmação da vitória da ordem requerida sobre o caos – as crises que ameaçavam a estabilidade política e a sua existência como pólis, a sua autonomia, a qual vimos ter sido repetidamente posta em prova, sobretudo ao longo do século IV a.C. O raio, usado como emblema da cidade, também pode ter expressado, como símbolo do poder inexorável

14 Assim como no caso da águia, os significados simbólicos do raio foram buscados na literatura grega antiga e nas representações vasculares, de onde foi possível estabelecer o contexto do significado de seu uso em moedas gregas (vide LAKY, 2016, p. 399-401).

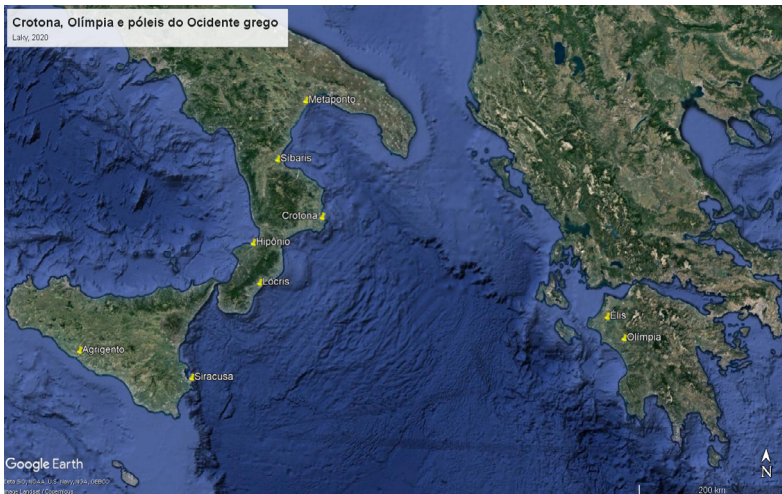
de Zeus, uma autoafirmação da soberania de Crotona, no período em que se manteve líder da liga italiota. Nesse sentido, de forma mais clara e direta do que a águia, o uso do raio nas moedas crotoniatas prova a afinidade dessa cidade com a esfera de atuação de Zeus. Diferentemente da águia, o raio é sempre uma alusão *direta* ao deus. A associação da águia e do raio em uma mesma moeda, pela oficina monetária da cidade, evidencia o desejo da comunidade em reforçar e superdimensionar as energias divinas do deus a seu favor em um momento de crise, de enfrentamento com o outro, seja ele um tirano siceliota, os lucanos e os *brettii*, ou a sua própria perda de poder.

Considerações finais

Ao contextualizarmos os tipos monetários da águia voando/em pé e do raio dentro do repertório iconográfico usado nas moedas de Crotona até a segunda metade do século IV a.C., passa-se a entender melhor as mensagens transmitidas pela comunidade por meio dos emblemas escolhidos para as moedas. Assim, no momento mais antigo da cunhagem, Crotona escolheu usar o trípode de Apolo como emblema único da cidade, sendo, naquele momento, o símbolo mais importante para a comunidade, por aludir à sua fundação e por conectá-la ao santuário de Delfos¹⁵. Em um segundo momento, quando passou a utilizar o tipo da águia voando, a pólis buscou usar, a seu favor, um símbolo muito conhecido de agouro na guerra para, provavelmente também, aludir a Zeus (ainda que de forma indireta) e a Olímpia em algum nível. Esse pode ter sido o caso do raio. O trípode é uma referência à identidade da cidade, à sua história, à sua origem determinada por Delfos, a como a cidade veio a existir como comunidade. Já a águia relaciona-se também à identidade da cidade, mas em um outro nível, provavelmente o político, por demonstrar soberania e poder, e pan-helênico, por remeter a Olímpia.

15 A imagem do trípode em moedas de *póleis* do Ocidente grego é um símbolo da relação da cidade com o santuário de Delfos, o qual teve um papel importante como centro de informações sobre terras e áreas para a fundação de colônias gregas. A este respeito, vide PONTIN, 2001.

Mapa



Referências bibliográficas

ANTONACCIO, Carla. Colonization: Greece on the Move, 900-480. In: SHAPIRO, H.A. (Ed.). *The Cambridge Companion to Archaic Greece*. Cambridge, Cambridge University Press, 2007, p. 201-224.

BAYET Jean. *Idéologie et Plastique. I: l'expression des énergies divines dans le monnayage des Grecs*. Mélanges d'Archéologie et d'Histoire, vol. 71, no. 1, p. 65-106, 1959.

BRACCESI, Lorenzo; RAVIOLA, Flavio. *La Magna Grecia*. Bolonha: Il Mulino, 2008.

CACCAMO CALTABIANO, Maria. La moneta di Temesa tra storia e mito. In: LA TORRE, Gioacchino Francesco. (Ed.). *Dall'Oliva al Savuto. Studi e ricerche sul territorio dell'antica Temesa*. Atti del convegno, Campora San Giovanni (Amantea, CS), 15-16 settembre 2007. Pisa; Roma, Fabrizio Serra Editore, 2009, p. 119-137.

CAHN, Herbert Adolph. *Griechische Münzen aus Grossgriechenland und Sizilien*. Antikenmuseum Basel und Sammlung Ludwig, 1998.

CERCHIAI, Lucca. Kroton. In: CERCHIAI, L. et alii (eds.). *The Greek Cities of Magna Graecia and Sicily*. Los Angeles, Paul Getty Museum, 2004, p. 104-113.

CIACERI, Emanuele. Contributo alla Storia dei Culti dell' Antica Sicilia. *Annali della Scuola Superiore di Pisa*, 1894.

FARAONE, Christopher. *Talismans and Trojan Horses: Guardian Statues in Ancient Greek Myth and Ritual*. Oxford: Oxford University Press, 1992.

FRONDA, Michael. Southern Italy: Sanctuary, Panegyris, and Italiote Identity. In: FUNKE, P.; HAAKE, M. (eds.). *Greek Federal States and their Sanctuaries. Identity and integration*. Stuttgart, Franz Steiner, 2013, p. 123-138.

FLORENZANO, M.B.B. Anotações sobre as representações de monstros nas moedas da Grécia antiga. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, vol. 5, p. 223-234, 1995.

FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. *Entre reciprocidade e mercado: a moeda na Grécia antiga*. Tese de Livre Docência – Universidade de São Paulo; Museu de Arqueologia e Etnologia, 2000.

GARDINER, Norman. *Olympia, its History and Remains*. Oxford: The Clarendon Press, 1925.

GARGANO, Giorgia. Vibo Valentia, fonti numismatiche. In: GULLETTA, Maria Ida; CASSANELLI, Cesare (eds.). *Siti Torre Castelluccia - Zambrone*. Pisa: Scuola Normale Superiore di Pisa; Roma: École Française de Rome; Napoli: Centre J. Bérard, 2012, p. 882-889.

GRUPICO, Theresa Maria. *The Influence of Urban Planning on Temple Design in West Greece*. Tese. N. Brunswick; N. Jersey: The State University of N. Jersey, 2008.

JENKINS, Gilbert Kenneth. *Ancient Greek Coins*. Londres: Seaby, 1990.

KLEIN, Nancy. Evidence for West Greek Influence on Mainland Greek Roof Construction and the Creation of the Truss in the Archaic Period. *Hesperia*, vol. 67, no. 4, p. 335-374, 1998.

KRAAY, Colin. *Archaic and Classical Greek Coins*. Londres, Methuen, 1976.

LAKY, Lilian de Angelo. As moedas de Olímpia e a consolidação da imagética de Zeus na Grécia Clássica. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 18, p. 211-237, 2008.

LAKY, Lilian de Angelo. Olímpia e os Olímpieia: a origem e difusão do culto de Zeus Olímpio na Grécia dos séculos VI e V a.C. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 16, 2013.

LAKY, Lilian de Angelo. *A apropriação e consolidação do culto de Zeus pela cidade grega, moedas e santuários, política e identidade em época arcaica e clássica*. Tese de doutorado – Universidade de São Paulo; Museu de Arqueologia e Etnologia, 2016.

LA TORRE, Gioacchino Francesco. *Sicilia e Magna Grecia. Archeologia dela colonizzazione greca d'Occidente*. Roma-Bari: Laterza, 2011.

MALKIN, Irad. *A Small Greek World*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

MARINATOS, Nanno; HÄGG, Robin. *Greek Sanctuaries. New Approaches*. Londres; N. York: Routledge, 1993.

MORGAN, Catherine. *Athletes and Oracles. The Transformation of Olympia and Delphi in the Eighth Century B.C.* Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

NEER, Richard. Delphi, Olympia, and the Art of Politics. In: SHAPIRO, Harvey Alan (ed.). *The Cambridge Companion to Archaic Greece*. Cambridge, Cambridge University Press, 2007, p. 225-264.

PARISE, Nicola Franco. Crotone e Temesa. Testemonianze di una monetazione d'Impero. In: MADDOLI, Gianfranco (ed.). *Temesa e il suo territorio. Atti del colloquio di Perugia e Trevi (30-31 maggio 1981)*. Taranto: Istituto per la Storia e l'Archeologia della Magna Grecia, 1982, p. 103-118.

PARISE, Nicola Franco. Moneta e società in Magna Grecia. L'esempio di Crotone. In: *Crise et transformation des sociétés archaïques de l'Italie antique au Ve siècle av. JC. Actes de la table ronde de Rome (19-21 novembre 1987)*. Roma: École Française de Rome, 1990, p. 299-306.

PHILLIPP, H. Koenig. Le caratteristiche delle relazione fra il santuario di Olímpia e la Magna Grecia. *Atti Taranto*, 31, Megale Hellas, nome e immagine, 1992, p. 29-51.

PONTIN, Patrícia Boreggio do Valle. *Imagens monetárias de Apolo no Ocidente grego*. Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo; Museu de Arqueologia e Etnologia, 2001.

RUTTER, Neville Keith. *The Greek Coinages of Southern Italy and Sicily*. Londres: Spink, 1997.

RUTTER, Neville Keith. *Historia Numorum Italy*. Londres: The British Museum, 2001.

RUTTER, Neville Keith. The coinage of Italy. In: METCALF, William E. (ed.). *The Oxford Handbook of Greek and Roman Coinage*. Oxford, Oxford University Press, 2012, p. 128-141.

SEAR, David. *Greek coins and their values*. Vol. 1, Europe. Londres: Seaby, 1978.

STAZIO, Attilio. Monetazione greca e indigena nella Magna Grecia. In: *Modes de Contacts et Processus de Transformation dans les Sociétés Anciennes*. Actes du Colloque de Cortone (24-30 mai 1981). Pisa; Roma, Scuola Normale Superiore, 1983, p. 963-978.

VONDERSTEIN, Mirko. *Der Zeuskult bei den Westgriechen*. Weisbaden: Reichert, 2006.

YALOURIS, Nicolau. Olympie et la Grande Grèce. Siris e l'influenza ionica in Occidente. Atti del Ventesimo Convegno di studi sulla Magna Grecia: Taranto, 12-17 ottobre 1980. *Atti Taranto*, 20, 1981, p. 9-22.

WALKER, Alan. *Coins of Olympia: The BCD Collection*. Auction LEU 90. Zürich: Leu Numismatics LTD, 2004.

RECEBIDO EM: 07/07/2020
APROVADO EM: 25/08/2020